

Carina Bergfeldt

Quando o Ódio Matar

Tradução
Mário Dias Correia

 Planeta

Para Per

O Dia do Juízo Final

Tem-no por fim a seus pés. Imobilizado com oito rolos de película transparente, deitado na cama que ela própria comprou no Ikea por quatrocentas e noventa e nove coroas.

Examina as várias camadas de plástico enroladas à volta da testa dele. À volta do corpo nu.

Do tronco.

Dos braços.

Da barriga

Dos joelhos.

E dos tornozelos.

Tem a certeza quase absoluta de que, quando acordar, não vai conseguir mover-se.

Vê-o respirar ali estendido, mergulhado no profundo sono induzido pelas drogas. Inconsciente da incómoda posição em que o seu corpo se encontra. Inconsciente, por enquanto. Mas em breve saberá qual é a situação. Em breve tudo será esclarecido.

Fecha os olhos e começa a contar os dias para trás, até chegar a 1 de Janeiro.

Como desejou que aquele dia chegasse.

Setenta e oito dias. Ou toda a sua vida, dependendo de como se conte.

Não quer acordá-lo. Ainda não. Não tem pressa.

Nada do que vai acontecer nas próximas horas deve ser feito à pressa.

Matá-lo levará o tempo que tiver de levar.

Capítulo 1

Dois meses e dezassete dias antes, sábado, 2 de Janeiro de 2010

Os segredos significam tanto como a pessoa com a qual decidimos partilhá-los.

A primeira coisa que quis fazer na manhã em que tudo mudou foi olhá-lo cara a cara e falar. Contar-lhe. Contar-lhe tudo. Sem esconder nada. Não havia ninguém com quem mais desejasse partilhar o segredo do que com ele.

Mas não o fiz.

Deixei que o segredo continuasse a ser isso mesmo. Um segredo. Uma coisa que depois existiria para sempre entre nós. Que se interporia entre nós. Abrindo na nossa confiança uma fissura onde o vazio poderia instalar-se. Fazer ninho. Alastrar.

Não tinha por onde escolher.

Levantei-me, vesti-me e fui para o trabalho.

E soube que nada voltaria a ser como dantes.

Capítulo 2

Sábado, 2 de Janeiro de 2010

O termómetro colocado fora da janela marcava dezasseis graus negativos. Tinha nevado. A primeira neve do ano. Julia Almliden teve dificuldade em distinguir os números porque a janela, que dava para o solitário parque de estacionamento da Mörkegatan, em Skövde, estava coberta de geada.

Passou o dedo pelo vidro, para ver se as finas lâminas de gelo estavam do lado de dentro ou de fora.

Não se derreteram sob a ponta do seu dedo, o que queria dizer que estavam do lado de fora. Julia bufou. Bem podiam estar do lado de dentro.

O departamento de contabilidade do jornal poupava em tudo o que fosse possível poupar: esferográficas, blocos-notas, horas extraordinárias. Aquecimento.

Durante o último Inverno, isto fora mais do que evidente. Dentro da redacção, a temperatura nunca passava dos dezoito graus. Como se podia escrever um artigo que fizesse sentido naquelas condições? Já tinha sido três vezes obrigada a premir uma tecla para impedir que o *screensaver* aparecesse. De todos os modos, tinha de fingir que estava a trabalhar.

Suspirou. Sentou-se. Tentou de novo.

Os restos da ceia da noite de Ano Novo empestam o ar.

Mas os membros da família Johansson não têm outro remédio senão habituarem-se ao cheiro repugnante que lhes salta à cara cada vez que abrem a porta.

Os funcionários do serviço de recolha de lixo recusam aproximar-se da casa do casal, com medo do lobo que se tornou o senhor do bosque.

– Por que tem de ser tão complicado? – resmungou, enquanto seleccionava os três parágrafos e os apagava.

Julia Almliden voltou-se e olhou de soslaio para a sua colega, Ing-Marie Andersson. Estava sentada como de costume. A segurar o casaco contra o peito com a mão direita e a navegar com a esquerda. Ing-Marie ia em breve fazer quarenta anos, mas aparentava três ou quatro mais. Cabelo louro-acobreado e encrespado, com um corte à pajem, pela nuca. Rosto de pele clara e sardenta, quase sempre sem maquilhagem. A repórter criminalista gostava de esconder a sua magreza debaixo de grossos casacos de malha de cores discretas, neutras. De preferência castanhos.

Bom, isso de «repórter criminalista» não deixa de ser um eufemismo, pensou Julia. Exceptuando as zaragatas de bêbedos à porta do bar Bogrens, um ou outro roubo isolado no bairro de Ryd e todas as denúncias por violência de género, não acontecia grande coisa em Skövde; mas uma parte do trabalho de Ing-Marie – além da sua tarefa habitual de cobrir a informação municipal – era telefonar todos os dias para o comissariado da polícia. Ing-Marie levava muito a sério este trabalho e, sobretudo, preferia-o ao seu outro encargo.

Julia achava graça, mas Ing-Marie nunca se apresentava como a jornalista responsável por cobrir a informação municipal e provincial que de facto era, como estava escrito no seu contrato de trabalho, e sim como repórter criminalista. Não obstante a recusa do chefe, mandara fazer cartões-de-visita, que pagara do seu próprio bolso, com esse título. Tinha-os em cima da secretária, dentro de uma pequena caixa de cartolina branca, junto dos que o jornal, o *Västgöta-Nytt*, lhe fornecera.

Por vezes, Ing-Marie tirava da caixa um daqueles cartões que mandara fazer e passava-lhe os dedos por cima. Naquele momento, parecia concentrada noutra coisa. Julia tinha quase a certeza de que se se inclinasse para a frente e espreitasse para o monitor da colega veria o logo da CSI. Era a série preferida de Ing-Marie e a repórter criminalista costumava queixar-se por não haver em Skövde assassínios como em Nova Iorque,

Miami ou Las Vegas. Ing-Marie era uma mulher muito reservada, mas quando abria a boca na reunião matinal, era quase sempre para fazer um relato do que acontecera na noite anterior, às nove, no Kanal 5 da televisão. Falava de corpos devorados por caimões, de máquinas de moedas impregnadas com cianeto e de taxistas com cadáveres no porta-bagagens.

E como devia decepcioná-la, pensou Julia, a incapacidade de Skövde de produzir personagens do calibre de um Horatio Caine, um Mac Taylor ou um Gil Grissom. Não fazia a mínima ideia de se a colega andava com alguém – a repórter criminalista nunca falava da sua vida privada –, mas custava-lhe a crer. Em todo o caso, não tinha filhos e nunca fora casada, isso já ela comprovava consultando o Registo Civil, num acesso de curiosidade. Ing-Marie parecia viver entregue ao sonho de resolver o assassinio do ano, convencida de que, quando isso acontecesse, tudo o mais viria por arrasto.

Com um esforço, Julia desviou o olhar de Ing-Marie e voltou a concentrar-se no monitor do seu computador e naquela entrada que lhe resistia. Não tinha tempo para elucubrações, naquele momento.

Deu uma palmada na cara e, enquanto ainda sentia o ardor na pele, dispôs-se a terminar o trabalho.

O presunto do Natal está coberto de bolor.

A lagosta do Ano Novo é uma carapaça hedionda.

«Esperemos que venham antes que tenhamos de comer os arenques do solstício de Verão», diz Herman Johansson com um ar resignado.

Há duas semanas que os funcionários do serviço de recolha do lixo boicotam a casa da família.

Julia sorriu. No fim, tudo acabaria por se resolver.

Capítulo 3

Ing-Marie Andersson odiava aqueles estalidos.

Fechou os olhos, massajou as fontes com força e arrependeu-se de ter tirado antes do Natal os tampões amarelos que guardava na gaveta de cima da secretária.

Para dizer a verdade, não se definiria a si mesma como uma pessoa particularmente irritável, mas Lottie, a redactora da secção de lazer, mexia-lhe com os nervos.

A sua rotunda colega tinha duas características que a encanitavam: era calaceira e gostava de dizer mal dos outros.

E, para cúmulo, aqueles estalidos.

Ing-Marie sabia que se olhasse para a colega, o *screensaver* de Lottie mostraria fotografias do noivo, quase nu e tão insuportável como ela, Stephan... não-sei-quê. Nunca conseguira fixar o nome. Lottie estava a mascar uma pastilha elástica com a boca aberta enquanto os seus dedos deslizavam pelo novo *iPhone*.

Ing-Marie sabia tudo isso.

E todas essas coisas a irritavam.

E em vez de olhar para a direita, olhou para a esquerda. A jornalista Julia Almliden parecia concentrada no monitor do computador. Observou em silêncio a colega, dez anos mais nova do que ela. Naquele dia, Julia tinha os cabelos louros apanhados num carrapito. Usava-os sempre apanhados. Numa trança feita de qualquer maneira ou num carrapito. Perguntou-se até onde lhe chegariam se os deixasse cair sobre os ombros.

Mas Julia nunca usaria os cabelos soltos. Seria demasiado feminino. Não encaixava com o seu estilo masculino: *jeans*, *T-shirt* e ar auto-suficiente. Sorria muitas vezes e parecia amável, mas não costumava dar azo a conversas pessoais.

Ing-Marie apreciava a discrição da colega. Nunca, naqueles quatro anos desde que Julia Almliden começara a trabalhar como redactora no *Västgöta-Nytt*, tinham almoçado juntas, a não ser nas refeições de Natal e da Páscoa, impostas pela empresa. O que ela achava óptimo. O trato com os colegas de trabalho era um problema que Ing-Marie preferia evitar, por várias razões. Mas sobretudo por causa daquilo que estava agora sempre presente nos seus pensamentos.

Examinou as feias instalações que o jornal ocupava desde que ela lá começara a trabalhar, havia já vinte e dois anos, e tinha ocupado durante outros quarenta e sete antes disso. O edifício da Mörkegatan espelhava bastante bem a redacção que albergava. Um continente de aspecto descuidado para um conteúdo que quem se desse ao trabalho de raspar a superfície descobriria quase tão triste.

Ing-Marie recusava aceitar a parte de responsabilidade que pudesse ter neste estado de coisas. Pelo contrário, achava que a direcção estava a precisar de uma mudança radical. Olhou para Sven Lindgren, o director – além de chefe de redacção –, sentado de perfil atrás de Julia, a passar os olhos, distraído, pelo exemplar do dia enquanto falava ao telefone. A julgar pela voz aduladora, do outro lado da linha devia estar alguma das pessoas mais importantes da cidade. Ing-Marie bem gostaria que Sven Lindgren se preocupasse tanto com o jornal como se preocupava com a sua própria imagem. Usava os cabelos, de um negro que não podia ser natural, muito bem aparados. Vestia sempre *jeans*, casaco escuro e uma camisa aos quadrados, de marca; camisa que teimava em só abotoar a partir do segundo botão de cima, de modo a mostrar um pouco dos pêlos pretos do peito. Ing-Marie perguntava a si mesma se sofreria do complexo do pénis pequeno e se aquela ostentação de pilosidade o faria sentir-se mais viril. A ela fazia-lhe lembrar um macaco peludo.

Três anos antes, o dono do *Västgöta-Nytt* convencera Sven Lindgren a deixar Gotemburgo, onde era subdirector do vespertino *GT*, para ser director em Skövde. Dirigir um jornal, pelo menos formalmente, tinha-o

atraído. Mas fora tudo muita parra e pouca uva. Sven Lindgren não contribuíra com uma única ideia original desde que assumira o cargo, e todos os meses havia uns quantos leitores que cancelavam as assinaturas e passavam a ler o jornal da concorrência, o *Skövde Nyheter*, coisa que parecia não preocupar por aí além o director de quarenta e dois anos. Enquanto a sua cabeleira continuasse a ter volume, enquanto a mulher continuasse a ser apresentável e enquanto ele, pelo facto de «ser alguém», continuasse a ser convidado para todos os eventos e banquetes oficiais da cidade, Sven Lindgren estaria feliz da vida.

Atrás do director ficava o gabinete de Håcke. Vazio. Claro.

Em qualquer outra ocasião, a preguiça e o desinteresse dos seus colegas de trabalho teriam irritado Ing-Marie, mas naquele dia até estava satisfeita por todos parecerem longe – pelo menos em espírito – da redacção.

Não devia.

De sobra o sabia.

Mas não conseguia resistir. A sensação era tão nova. Tão forte. E, além disso, os outros também estavam ocupados com os seus assuntos, argumentou consigo mesma.

Por isso Ing-Marie se atreveu por fim a abrir uma nova janela no computador para entrar na pasta que por nada do mundo queria que os seus colegas de trabalho vissem.

Capítulo 4

A seiscentos metros de distância da redação do jornal, a agente da polícia Anna Eiler sentava-se diante do seu computador no edifício do comissariado, focada no que tinha acontecido muitos anos antes. Tinha fechado a porta do gabinete. Não queria que a incomodassem.

Imagens de ódio e de morte, de dor e de impotência. Dispunha de muito pouco tempo. Havia muito que todas aquelas vítimas esperavam uma reparação. Queria dedicar-lhes toda a sua atenção.

Queria fazer-lhes justiça. Já.

Mas era difícil, para não dizer impossível, concentrar-se.

Como de costume, ele ocupava todos os seus pensamentos.

Capítulo 5

Tinha chegado o momento. O momento de deixar de fantasiar a morte dele e, em vez disso, começar a planeá-la.

Engoli saliva, mal sabia por onde começar. Abri uma nova janela no monitor, entrei no Google e escrevi as palavras «assassino profissional». Tremia-me o dedo quando carreguei em *Enter* para iniciar a busca.

Dezoito mil e trezentos resultados.

Examinei-os, mas era uma tremenda confusão. Um esclarecimento sobre a etimologia das palavras, uma crítica ao filme *O Chacal* e um artigo do *Expressen* onde se contava que, havia anos, Mike Tyson, ex-campeão do mundo de pugilismo, tinha contratado os serviços de um assassino profissional para matar Brad Pitt.

Suspirei.

Do que estava à espera? Que me aparecesse um *link* para o assassinio perfeito? Talvez, para ser sincera.

Entre no fórum Flashback e encontrei várias intervenções de pessoas que afirmavam que contratar alguém para matar outra pessoa custava cerca de cem mil coroas. Pelo menos em Malmö. Perguntei a mim mesma qual seria a tarifa em Skövde e se deveria pôr um anúncio no fórum a pedir ajuda. Abanei a cabeça, fechei a página, apaguei o histórico do computador e senti que a frustração alastrava pelo meu corpo como um vírus maligno. Procurar ajuda na Internet. Que ideia mais estúpida.

Não era assim tão parva. Não confiava em ninguém. Como ia então confiar a um estranho o trabalho mais importante com que me tinha confrontado em toda a minha vida?

Aquilo era uma coisa que tinha de resolver sozinha.

Mas não naquele momento.



As horas foram passando devagar durante o resto do dia. Quando cheguei a casa, relaxei um pouco e voltei a pensar no assunto. Nele.

Fui direita à máquina de café e preparei três chávenas. Esperei que saísse café suficiente para encher a minha caneca preferida, a preta, e dirigi-me ao sofá branco, que me esperava. Aninhei-me no meu canto favorito, estendi a mão para a lâmpada da árvore de Natal que ficava mais perto e enrosquei-a até que todas as luzes se acenderam. Contemplei o abeto iluminado e senti a calma invadir-me. Fechei os olhos e deixei-me inundar pela sensação. Ia precisar de muita calma.

Fiquei imóvel durante alguns minutos, de olhos fechados, antes de me esticar para pegar na minha mala de couro preto, de onde tirei o novo bloco-notas.

Era um caderno A5, pautado. A capa, de plástico duro, estava cheia de madalenas americanas, com várias apresentações. Passei o dedo por elas e contei-as. Sete linhas de cinco. Trinta e cinco madalenas. Ou *cup cakes*, como lhes chamava, cosmopolita, a capa de plástico.

Tinham um ar apetitoso. Uma, de chocolate, estava coberta de bolinhas prateadas. Outra, com cobertura de açúcar glacé, tinha a decorá-la uma pequena bola de açúcar cor-de-rosa. E havia uma azul-celeste enfeitada com fiozinhos de todas as cores.

Gostava do bloco-notas. Tinha entrado na livraria Akademi, depois do trabalho, e comprara-o por cinquenta e nove coroas. Talvez fosse patética, mas não queria usar um bloco-notas normal.

Queria alguma coisa que fosse bonita.

Alguma coisa que me pusesse de bom humor.

Queria que fosse um bloco-notas alegre, apesar do seu conteúdo.

Abri-o na primeira página. Escrevi: «Papá», e sublinhei.

O primeiro ponto era fácil. Tinha-o decidido no dia anterior, às 15 h 51 m.

1. *Matar o papá.*

E depois?

Não me ocorria nada.

Liguei o computador, escrevi a palavra morte no campo de busca e entrei no primeiro *link* que me apareceu: uma página *web* de medicina interna. Li:

Definição: A lei sueca define, desde 1987, o conceito de morte como sendo o estado em que a actividade do cérebro cessa de forma irreversível. A morte cerebral é a morte da pessoa. A confirmação da morte cerebral faz-se sobretudo por via indirecta, mediante a verificação de que não existe respiração nem batimentos cardíacos

Confirmação da morte:

Ausência de pulsação detectável na A. carótida, A. radial, A. inguinal.

Ausência de batimentos cardíacos na exploração.

Ausência de respiração na auscultação.

Ausência de movimento torácicos.

Ausência de reflexos pupilares.

Córnea pálida, sem brilho, cinzenta.

Claro como água. Ou não. Desliguei o computador. Apanhei uma madeixa de cabelos entre os dedos e pus-me a brincar com ela enquanto mordiscava o lápis. Reflecti um pouco antes de passar ao segundo ponto.

2. *Assassinar sem ser descoberta.*

Olhei para o bloco-notas e engoli em seco. Sentia que tinha cada vez mais dificuldade em controlar a respiração. Parecia-me ouvir o meu próprio coração.

Não era um batimento rápido.

Era um comboio-expresso.

Um carro de Fórmula 1.

Era o meu coração a passar a barreira do som.

– Então – disse em voz alta. – És capaz de o fazer.

Fechei os olhos. Esperei que a minha respiração recuperasse daquela maratona de sentimentos e continuei a escrever.

3. *Evitar que alguém vá parar à prisão por minha culpa.*

4. *Fazê-lo sofrer.*

Sentia-me muito suja.

Olhei para o que acabava de escrever e compreendi quanto ódio devia haver dentro de mim. Um ódio que nunca tinha deixado vir à superfície.

E pela primeira vez na minha vida, deixei-o sair.

Chorei desconsolada enquanto os pensamentos iam e vinham à sua vontade através do tempo. Até divisões onde eu não queria entrar, lugares que não queria visitar. Até que adormeci, enrodilhada na posição fetal no sofá branco, com as faces sulcadas por rastos de lágrimas secas, o lápis convulsivamente preso entre os dedos, o bloco-notas a meu lado e a cabeça cheia de imagens do meu pai, destruído.